

QUE SORTE A MINHA



CHRISTIAN WATSON

MR. SKELLY 1924

xUS



INTRODUÇÃO

Como sociedade, principalmente no Ocidente, criamos uma relação estranha com a morte. Em vez de a encararmos como uma parte natural da vida, não gostamos de falar da morte, evitamo-la, revoltamo-nos contra ela. Encaramos os símbolos da morte – os esqueletos e o Ceifeiro – como símbolos de rebelião, de música Heavy Metal ou do Halloween.

A morte costumava meter-me muito medo. Por volta dos oito anos, tinha um pesadelo aterrador com um esqueleto que me perseguia. O conceito de morte era assustador, eletrizante, de uma forma que ainda hoje não consigo explicar claramente. Faz-me lembrar a magia de podermos sentir o vento, mas não o vermos. Podemos ver objetos que se movem com o vento: as árvores, os casacos das pessoas, a erva, mas o vento é invisível.

O mesmo acontece com a morte. Com os esqueletos também. Durante muito tempo evitei esses pensamentos e essas conversas. A ideia de já cá não estar era desoladora. Mas só tenho vida por causa da morte. O ciclo no qual tudo continua é tão real quanto

macabro. Só consigo digitar estas palavras porque tenho o meu esqueleto; contudo, não consigo vê-lo. Existe magia no invisível, e não vale a pena temermos o que está para vir, mesmo se nunca o entendermos.

E se conseguíssemos encarar os esqueletos como aquilo que são? Aquilo que nos suporta, que nos mantém de pé, que nos mantém ligados. E, se em vez de ser aterrador ou exageradamente embelezado, reconhecêssemos o nosso esqueleto como o poderoso gerador de energia que na verdade é – uma parte normal da nossa vida diária? Afinal, somos todos feitos dos mesmos ossos.

Comecei por desenhar o Mr. Skelly para os meus filhos, como uma forma de lhes falar da cabeça, da vida e do amor. A personagem não parou de crescer na minha cabeça e decidi que queria combinar o desenho com uma afirmação contrastante: «A vida é demasiado curta para não estarmos em paz». Desenhei o Mr. Skelly deitado num campo florido, rodeado de um céu lindo.

Retirei-lhe o maxilar porque me falta um dente da frente e achei que suavizar esse traço o torna mais simpático. Partilhei a imagem na Internet e, de repente, dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo tinham encontrado consolo nessa ligação.

Os artistas tendem a criar o que sentem, e, quando algo ecoa nas pessoas, escutamolas. Não fazia ideia de quão especial o Mr. Skelly iria tornar-se para mim.

Iniciei, então, uma missão divertida e aparentemente impossível, a de reformular a morte como algo não assustador, não para a glorificar ou procurar, mas como algo a aceitar e abraçar. Uma missão para encararmos os esqueletos não como símbolos agressivos e portadores de morte, mas como versões suavizadas de quem somos e de quem todos viremos inevitavelmente a ser.

Para viver melhor hoje, faço por aceitar o que o amanhã pode trazer e aprendo a fazer as pazes com a morte. Quando o fazemos, descobrimos

muitas vezes que é a única coisa que nos permite entender quão rica é a nossa vida, a sorte que, na verdade, temos.

Que sorte a minha. É uma constatação que apela ao meu pensamento para a ação. Para tentar encontrar respostas conscientemente. De que forma posso valorizar todos os pequenos milagres, muitas vezes impercetíveis, que fazem do meu dia aquilo que é?

Que sorte a minha por enfrentar as dificuldades, a magia, os desafios. Que sorte a minha por começar um novo dia, por tentar e falhar novamente. Que sorte a minha por ter estado, sequer, aqui.

Que sorte.

Espero sinceramente que encontre algum conforto, alegria e esperança nas páginas que se seguem, enquanto fazemos esta viagem juntos.



**QUE SORTE A MINHA
POR AS COISAS NÃO
TEREM RESULTADO**



A cartoon illustration of a skeleton lying in a bed. The skeleton is wearing a red blanket with a white skull and crossbones pattern. The bed has a dark metal headboard and a wooden footboard. To the left of the bed is a wooden nightstand with a blue lamp, a small clock, and a glass. To the right of the bed is a wooden bench with a basket of fruit. A large, torn, white speech bubble with a yellow border is positioned above the skeleton's head. The background shows a window with a view of a house and a tree. The overall style is a dark, moody cartoon.

**QUE SORTE A MINHA
POR TER SUPERADO
O QUE NÃO ME ERA
DESTINADO**

POR ME
DESLIGAR
DO BARULHO

**POR ENCONTRAR PAZ
NA MINHA COMPANHIA**



A tall, white, tapered lighthouse with a red roof and a glass-enclosed lantern room. A skeleton is standing on the balcony of the lantern room. A large, irregular, yellow speech bubble with a red outline is positioned in the middle of the lighthouse. The background is a sky with orange and blue clouds. In the foreground, there are some trees and a building with a red roof.

**QUE SORTE A MINHA POR
ME TER QUEBRADO PARA QUE
A LUZ PUDESSE ENTRAR**

QUE SORTE A MINHA POR AS COISAS NÃO TEREM RESULTADO

E se pudéssemos mudar a forma como encaramos a vida? Falo a sério. Acredito firmemente que, quando pomos as lentes com que vemos a nossa vida, temos tendência para ver tudo através delas.

Quer seja trauma, dificuldade, privilégio, negligência ou qualquer outro atributo aparentemente definitivo, a nossa vida tende a ser encarada através desses filtros.

E se não tivesse de ser assim?

Muito do que suportamos não reflete tudo o mais que acabamos por vivenciar. É difícil imaginar uma dificuldade como um milagre ou a estagnação como algo motivador, mas isso pode acontecer se nos libertarmos da certeza.

Por vezes, as melhores coisas que nos acontecem derivam da nossa resposta às piores. Ficamos a saber quem somos através das dificuldades que suportamos. As nossas reações, as nossas respostas, a forma como reagimos ao apelo das circunstâncias - ao apelo da vida - mostra-nos quem somos. As coisas não funcionam como esperávamos, mas ainda estamos aqui.

Levantamo-nos, pomos as nossas lentes e mantemo-nos assim, e, se nada mudar (apesar do nível de esforço louvável), sentimo-nos agitados, confusos e derrotados. Podemos talvez sentir que não conseguimos mudar a nossa rotina, as nossas finanças, a família ou a nossa mágoa, mas há uma coisa sobre a qual temos sempre controlo, que é a percepção que temos dessas coisas. Isso é algo que não tem de permanecer igual.

Não estaria a escrever-lhe isto se tudo tivesse corrido sempre bem na minha vida. Na verdade, estou a escrevê-lo porque tal não aconteceu. As coisas continuarão a não correr bem para mim, para si, para qualquer um de nós, de uma série de formas que podem ser tremendamente devastadoras, mas talvez seja possível mudarmos a nossa percepção destas coisas e, a seu tempo, da nossa vida.



**NÃO TENHO TEMPO
NEM ENERGIA PARA SER
OUTRA COISA SENÃO
EU MESMO**

**NÃO DESTRUA
A SUA PAZ A PENSAR
DEMASIADO**





LIBRAIRIE

**TODAS AS SUAS
PREOCUPAÇÕES VÃO
ACABAR UM DIA**

UN
JOURNAL



**O QUE O FAZ
FELIZ NÃO TEM
DE FAZER SENTIDO**

***Que sorte a minha por ter perdido o que queria,
para encontrar o que merecia...***

Para ver o invisível, junte-se ao Mr. Skelly, um esqueleto gentil que vagueia por paisagens exuberantes — repletas de vida, amor e perda — um simples lembrete de que, no fim de contas, somos todos feitos dos mesmos ossos.

Com reflexões poéticas sobre a adversidade, a mudança, o descanso e os pequenos milagres quotidianos que muitas vezes nos passam ao lado, o Mr. Skelly convida-o a mudar de perspetiva, a fazer as pazes com o que não pode controlar, a apreciar o que não se vê e a viver a sua vida em pleno.



Todas as imagens © Christian Watson



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-5960-16-3



9 789895 960163